

Maré de Notícias é o nome escolhido!

Bairro Maré / Rio de Janeiro - Ano 1 | nº 4 - Março de 2010

Aguarde!
Estamos preparando
a nova cara do jornal!

Elisângela Leite



Crianças no pé de jabuticaba na Baixa do Sapateiro

Maré Verde

Projeto vai estimular a arborização das comunidades do bairro, com o objetivo de gerar conforto ambiental e melhoria da qualidade de vida. As áreas verdes podem diminuir a sensação de calor e contribuir para a drenagem da água da chuva. O jardineiro Tião, 42 anos, morador da Baixa do Sapateiro, aprovou a ideia. "Procurando a gente acha espaço. Por exemplo, às vezes a gente tira uma lixeira da calçada e planta uma árvore no lugar", ensina. **Pág. 6**

Aulas de futsal

Praticar esportes traz benefícios à saúde de crianças e adolescentes e ajuda a formar cidadãos. Veja a lista de escolinhas gratuitas de futsal pelas comunidades e aproveite para matricular seu filho. **Pág. 3**



Treino de futsal na comunidade Salsa e Merengue

Rosilene Miliotti

Lona Cultural Herbert Vianna, atualmente em obras, será reativada ainda no primeiro semestre deste ano. Pág. 11

Remoção preocupa morador

População das Ruas Canal e Canal II, na Vila do João; de Mandacaru, em Marçílio Dias; e das casas do Conjunto Esperança vivem na incerteza do futuro. Das comunidades a serem atingidas, a Prefeitura já contatou os moradores de Mandacaru, mas a falta de informação ainda é generalizada. Quem se sentir prejudicado pode recorrer à Defensoria Pública. **Pág. 4**

Elisângela Leite



Mandacaru com portas marcadas com a sigla SMH, da Prefeitura

Arte na terceira idade

Irmandade por afinidade, Seu Justino, de 89 anos, e Seu Manoel, de 69 anos, tomaram-se artistas na terceira idade. O primeiro é poeta e o segundo faz arte naïf. Eles extravasam em seus trabalhos a sensibilidade de cada um. A casa de Manoel é uma exposição permanente, com quadros por todas as paredes. Já Seu Justino conta que as palavras vão se juntando até formar o verso certo. Nesta edição, os dois mostram a sua arte aos leitores do *Maré de Notícias*, na seção Espaço Aberto. **Pág. 12**

Moradores mostram que estudar não tem idade e vão para a sala de aula após a aposentadoria ou quando os filhos estão crescidos. Pág. 9

Expediente

Instituição Proponente
Redes de
Desenvolvimento da Maré

Diretoria

Eblin Farage
Edson Diniz
Eliana Sousa Silva
Fernanda Gomes

**Coordenadora do
Setor de Comunicação**
Viviane Couto

Instituição Parceira
Observatório de Favelas

Apoio

Ação Comunitária do Brasil

Biblioteca Comunitária
Nélida Piñon

Centro de Referência
de Mulheres da Maré -
Caminha Rosa

Lona Cultural da
Praia de Ramos

Luta pela Paz

União Esportiva
Vila Olímpica da Maré

**Editora executiva e
jornalista responsável**

Silvia Noronha
(Mtb – 14.786/RJ)

Repórteres e redatores

Hélio Euclides
(Mtb – 29919/RJ)

Rosilene Miliotti
(Estagiária)

Rosilene Ricardo
(Estagiária)

Viviane Couto
(Repórter Comunitária)

Vitor de Castro
(Mtb 30.325/RJ)

Fotógrafa

Elisângela Leite

**Projeto Gráfico e
diagramação**

Anna Iannini

Assistente gráfico

Felipe Reis

Colaboradores

Anabela Paiva,
Aydano André Mota,
Dudu Azevedo,
Elisângela Leite,
Flávia Oliveira,
Imagens do Povo,
Marianna Araujo

Impressão

News Technology Gráfica
Editora Ltda

Tiragem

30.000

Redes de**Desenvolvimento da Maré**

Rua Sargento Silva Nunes,
1012, Nova Holanda / Maré
Informações: (21) 3104.3276
www.redesdamare.org.br
redesdamare@redesdamare.org.br

Parceiros**Editorial****Cara nova em processo de criação**

Chegamos à edição número 4 ainda em processo de preparação da logomarca do *Maré de Notícias*. A criação de uma identidade visual exige escolhas criteriosas da letra a ser utilizada, do tamanho, formato, estilo etc., que devem refletir a proposta editorial do jornal e o trabalho da instituição. Por isso, esperamos apresentar a nossa nova cara na edição de abril.

Como anunciado na edição passada, o processo de escolha do nome envolveu mais de 500 pessoas, que enviaram sugestões para o concurso cultural “Por um jornal da Maré: Diga que nome você quer!” O vencedor foi Felipe Meireles, de 11 anos, morador da Nova Holanda. O prêmio é um computador, entregue em 25 de março.

O concurso foi encerrado, mas esperamos que a participação do leitor continue por meio de sugestões, de críticas ou de envio de material para publicação!

Nesta edição, fomos às comunidades que podem passar por um processo de reassentamento e vimos que a Prefeitura ainda não cumpre com sua obrigação de manter os moradores informados sobre seus destinos. Leia reportagem nas páginas 4 e 5 e também o artigo da página 8, intitulado “Direitos e garantias nos reassentamentos”).

Nas páginas 6 e 7, o jornal inaugura a seção Meio Ambiente, trazendo um tema de interesse de todas as 16 comunidades que compõem a Maré: a necessidade de arborizar o bairro. O projeto Maré Verde busca voluntários para o plantio e manutenção de mudas em calçadas e praças. Veja como participar!

A edição traz ainda reportagens sobre educação, esporte, cultura e cidadania. Desejamos a todos uma boa leitura!

CARTAS**Opinião do leitor**

Sugiro um canal aberto, onde o jornal mencione que o morador pode comentar sobre a matéria da edição passada, e que esse espaço está reservado para o diálogo.

Paulo Carvalho, de 75 anos

Resposta da Redação: Prezado Paulo, o *Maré de Notícias* traz dois espaços de participação direta do leitor: o Espaço Aberto, na página 12, e a seção de Cartas, que passa a ser publicada aqui, na pág. 2, a partir desta edição.

Elogios ao jornal

Gostei do jornal porque isso indica que nossa comunidade está crescendo e evoluindo para uma comunidade melhor. Parabéns a todos os integrantes do jornal!!!! Boa sorte a todos.

Paulo, agente de saúde

Moro na praia de Ramos e já sou fã deste jornal. Beijos a todos!

Elisângela

**FILHOS NO DEGASE**

O Movimento Moleque – movimento de mães pelos direitos dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas no sistema Degase do Rio – continua a apoiar famílias que enfrentam essa questão. O grupo foi fundado por Mônica Cunha e Ruth Sales, quando ambas lutavam pelos direitos dos seus respectivos filhos em 2003. De lá pra cá, Mônica perdeu o filho com 20 anos, morto por policiais. O filho de Ruth, por sua vez, está casado e hoje trabalha numa empresa de informática. “Nosso objetivo é fazer com que os familiares tenham consciência do problema e entendam o que acontece com seus filhos”, explica Mônica. O grupo está sem parceiro no momento. Quem quiser entrar em contato, deve ligar para 8142-5574 ou enviar e-mail: monicasuzana@yahoo.com.br.

MURO NA AVENIDA BRASIL?

O prefeito Eduardo Paes disse ao jornal O Globo, dia primeiro de março, que pretende construir muro também na Avenida Brasil, além das barreiras já anunciadas para as Linhas Vermelha e Amarela. Aliás, na Linha Vermelha o muro já começou a ser colocado na altura do Parque Boa Esperança, no Caju.

Uma notícia boa é a prometida recuperação do asfalto da Av. Brasil entre o Caju e o trevo das Margaridas. A obra, também anunciada pela Prefeitura, será feita nos dois sentidos, nas pistas central e lateral, devendo começar ainda no primeiro semestre deste ano com duração de um ano e meio.



Turma da escolinha do Salsa, com Antonio (de camisa do Flamengo)

Futsal atrai a garotada

Driblando o improviso, moradores abrem escolinhas de futebol de salão para crianças

Texto e fotos: Rosilene Miliotti

As escolinhas de futsal estão por todos os lados nas várias comunidades da Maré. Voltados para crianças e adolescentes, esses espaços são mantidos por moradores que, em geral, não contam com patrocínio. A maior parte dessas pessoas, inclusive, está desempregada, e mesmo com dificuldade de se sustentar financeiramente, ultrapassa todas as barreiras para satisfazer a molecada.

Cleiton de Castro, morador da comunidade Salsa e Merengue, 26 anos, desempregado, atua com futsal há cerca de dez anos. Seu trabalho sempre foi – e continua sendo – voluntário, mas hoje ao menos conta com a parceria da Vila Olímpica da Maré e do departamento de futsal do Flamengo para aquisição de materiais básicos para a prática do esporte. Ainda é pouco, mas já ajuda,

afirma Cleiton, orgulhoso por ter levado dois jogadores do Salsa para participar das escolinhas de futsal do Flamengo. “Colocamos sempre o estudo em primeiro lugar para que amanhã ou depois os meninos tenham formação e uma profissão”, completa Cleiton.

Muito além de formar jogadores, o projeto de futsal para as crianças tem o objetivo de formar cidadãos, explica Antonio Bezerra, coordenador técnico de futsal do Flamengo, que coordena também as equipes de competição da Vila Olímpica da Maré. “Estamos dando condições para essas crianças praticarem um esporte e terem acesso a informação e formação de pessoas, cidadãos. Estamos construindo cidadãos atletas”, ressalta ele, que atua no bairro há oitos anos. Antonio diz que a Vila Olímpica está aberta a parcerias do gênero com outras escolinhas de futsal do bairro. Os interessados devem procurá-lo na Vila Olímpica.



Escolinhas de futsal pela Maré

Salsa e Merengue. 3ª, 5ª e 6ª a partir das 16h, projeto dos moradores Cleiton e Renato para crianças a partir de Quadra da Rubens Vaz – 2ª, 4ª e 6ª às 18h com professor Edmilson, também conhecido como Pará para crianças a partir dos 10 anos.

Nova Holanda. 2ª, 4ª e 6ª às 17h – Escolinha de futsal da Nova Holanda crianças a partir dos 7 anos.

Conjunto Esperança. 2ª, 3ª e 6ª – manhã e tarde – Projeto Escola Viva para crianças a partir de 5 anos.

Vila do Pinheiro. 4ª e fim de semana – manhã e tarde – projeto do morador Cleiton para crianças a partir dos 9 anos.

Baixa do Sapateiro. Aula para meninos (de 8 aos 15 anos) e meninas (de 12 aos 18) na Escolinha União Futebol Clube, na Praça do XVIII, 2ª, 4ª e 6ª das 16h50 às 20h – projeto do morador Sebastião para crianças a partir dos 8 anos.

Vila Olímpica da Maré. 4ª e 6ª – das 8h às 11h para crianças até os 13 anos. Os atletas participam uma vez na semana de treinamento no campo do Flamengo na Gávea.

Conjunto Bento Ribeiro Dantas. As aulas acontecem na quadra da praça da comunidade, ao lado da Associação de Moradores da Comunidade com Paulo.

Futuro incerto

A incerteza de futuro dos moradores, em função da falta de diálogo com a Prefeitura

Texto: Hélio Euclides | Fotos: Elisângela Leite



No Conjunto Esperança, as casas que podem ser demolidas...



...na rua que termina à beira do Canal do Cunha

Quando se fala em remoção de residências, as pessoas se assustam. E foi isso que aconteceu quando muitos no bairro leram a edição número 2 de *Maré de Notícias*, que trazia reportagem sobre os projetos da Prefeitura para a Maré. A Secretaria Municipal de Habitação (SMH) anunciou a remoção de 282 construções da Rua Canal e Canal II, na Vila do João; de Mandacaru, em Marcílio Dias; e casas do Conjunto Esperança.

A notícia mexe e agita a vida dos envolvidos. As dúvidas e dados incertos preocupam. Na Vila do João, por exemplo, o número anunciado de remoções seria de 14 casas para a Avenida Canal e 115 na Avenida Canal II, mas a notícia se espalhou na forma de piada. “Foram várias vezes que diziam que ia sair, é por isso que empurramos com a barriga”, explica o funcionário de um dos comércios da Avenida Canal, Edson Emilio, de 51 anos. A moradora da Avenida Canal II, Ana Lúcia, de 38 anos, pensa de outra forma. Ela deseja esperançosa a transferência. “Li no jornal sobre a remoção. Estamos aqui no maior sufoco, com o canal cheio de lixo, e com medo de enchente. O povo joga lixo, falta consciência, se não limpar o valão vai alagar. Tanto faz a indenização ou a casa nova, o importante é resolver o nosso problema”, desabafa.

O presidente da Associação de Moradores da Vila do João (Amo-vijo), Marco Antonio, o Marquinhos Gargalo, de 49 anos, aconselha a população a não construir à beira do valão. “Foi culpa do município

e do estado que deixaram eles fazerem os imóveis. Há cerca de dez anos já tinha ocorrido um cadastro, mas não houve andamento. Com isso ocorreu o aumento do número de casas e lojas. Minha preocupação é que os moradores não fiquem na rua”, explica.

Desinformação generalizada

No Conjunto Esperança, as casas estão à beira do Canal do Cunha, mas o número de 121 residências contabilizadas pela Prefeitura é bem abaixo da realidade. “A quantidade de residências é enorme. Lá deve ter em média 500 casas”, relata a presidente da Associação de Moradores do Conjunto Esperança, Marilene Lopes, de 64 anos. O morador Paulo Carvalho, 75 anos, alerta para a falha. “O censo 2010 vai esclarecer esse erro, que está acontecendo porque a Prefeitura não está dando a condição de trabalho para a 30ª R.A. (Região Administrativa), e a subprefeitura está deixando a desejar. Vê se isso ocorre na zona sul?”, denuncia Paulo.

Outro fato é a desinformação dos moradores, provocada pela falta de diálogo da SMH com a população. “Fiquei ciente pelo jornal que iam tirar as casas, mas não sabemos quais são e o que receberemos”, afirma Fabiana Trajano, de 30 anos. Motivo de desacordo é a forma como a Prefeitura identificou o local do Conjunto Esperança a ser atingido. “Chamar de Pata Choca traz uma revolta nos moradores das casinhas do Conjunto Esperança”, argumenta Marilene. Paulo completa a explicação da presidente. “Tudo aqui é Conjunto



Mandacaru em dia de chuva: local desassistido



Moradores saíram de Mandacaru para ligar rua ao Mercado São Sebastião



Avenida Canal, na Vila do João, também ameaçada

Esperança. Onde há essas casas era o antigo canteiro de obra da construção dos prédios. Esse apelido não é bom, nos deixa chateados”, esclarece.

Casas já marcadas em Mandacaru

Em Mandacaru, que fica na parte de trás do Mercado São Sebastião, o contato com a comunidade já está em andamento. A equipe de reportagem do *Maré de Notícias* encontrou a marcação “SMH”, iniciais de Secretaria Municipal de Habitação, na porta de mais de cem residências da região, algumas pertencentes à Penha e outras consideradas do bairro Maré. “Demos os números dos nossos telefones e prometeram ligar. Ainda não fizeram nada, mas espero, pois aqui tem muito rato”, afirma a moradora Roseane Francisco, 36 anos.

O diálogo da Secretaria com a população local está incompleto, gerando muitas incertezas. “Fizeram o cadastro no mês passado (fevereiro), mas não falaram nada. Não sabemos se vai ter indenização, nem para onde vamos. Já fizeram um cadastro há seis anos, mas não deu em nada”, comenta a moradora Ana Gleice, de 26 anos. Devido ao imprevisto da construção das moradias, muitos já estão olhando para um futuro melhor. “Mediram as casas. Queria indenização, mas o que vier vai ser bom”, revela Lucy de Souza, 66 anos.

“Todas as casas de Mandacaru foram cadastradas e os moradores estão aceitando, só não sei para onde vão”, preocupa-se a integrante da Associação de Moradores de Marcílio Dias, Jupira Santos, 49 anos. Segundo ela, o objetivo da Prefeitura é tirar os moradores para ligar a rua ao Mercado São Sebastião. A presidente da Associação, Viviane Silva de Oliveira, de 33 anos, afirma que os moradores

Remoção em estado de emergência

Na Rua José Moreira Pequeno, número 24 fundos, no Conjunto Esperança, cinco casas estão a ponto de desabar. Pelas residências estarem em nível crítico, trazendo risco, as famílias serão retiradas do local. “Aqui as paredes estão com rachaduras. Vieram aqui a Prefeitura e a Defesa Civil, que nos inscreveram no Minha Casa, Minha Vida”, conta Íris Mar, de 32 anos. Outra moradora pede apenas mais rapidez: “Prometeram primeiramente vale-aluguel, e que já estavam procurando outra localidade para moradia. Estamos agora só com medo da chuva, já que a água desce pela parede interna”, desabafa Hilda Pinto, 39 anos.



Documentos entregues pela Prefeitura à moradora Íris Mar

da localidade ficaram esquecidos pelo poder público. “Lembro que Mandacaru tem uma história de 16 anos de fundação, mas acho que vão sair, pois ali antes era uma rua. Lá não tem saneamento básico, já tentamos desentupir o que tem, mas não conseguimos, pois falta infraestrutura”, explica.

Falta diálogo até entre órgãos da Prefeitura

O administrador regional Hildebrando Gonçalves Rodrigues, o Del, de 38 anos, ficou surpreso com a notícia de remoção na Maré. “Só sei o que saiu pelo jornal. Procurei a Prefeitura, que me indicou a SMH, que não me informou nada. É tudo superficial”, conclui.

Já a Assessoria de Comunicação da SMH declarou que o projeto da Prefeitura do Rio é urbanizar as favelas da cidade e reassentar as comunidades localizadas em áreas consideradas não-urbanizáveis, sendo elas de risco, de proteção ambiental ou públicas. No total, mais de 12 mil famílias deverão ser atingidas em vários pontos da cidade, mas, segundo a Assessoria, a relação de comunidades ainda não está completa. Serão três opções oferecidas às famílias atingidas: inscrição no programa habitacional Minha Casa, Minha Vida, do governo federal; aquisição assistida e indenização. Embora questionada, a Assessoria não quis se pronunciar sobre nenhum dos casos específicos na Maré, nem sobre os valores a serem oferecidos aos moradores.

A coordenadora do Núcleo de Terras e Habitação da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, Maria Lúcia Pontes, recomenda, a quem se sentir prejudicado em qualquer remoção, procurar o órgão pelos telefones: 2232-8266 ou 2232-9517.

História da Maré

Algumas comunidades da Maré foram criadas após um programa de remoção. Essa etapa de retirada de moradores e assentamento em outras áreas próximas recebeu o nome de Projeto Rio.

Foi a primeira grande intervenção do governo federal na Maré, no início da década de 80. O objetivo era extinguir as palafitas e colocar as famílias em construções habitacionais pré-fabricadas. Assim, moradores da Baixa do Sapateiro e do Parque Maré foram transferidos, dando início à Vila do João e à Vila do Pinheiro.

Maré verde e mais saudável

Arborizar as ruas pode contribuir para refrescar e melhorar a qualidade de vida do bairro

Texto: Sílvia Noronha | Fotos: Elisângela Leite

A entrada da casa de D. Estelita Morais, de 65 anos, no Parque União, parece uma mini-floresta. Até espécies frutíferas D. Estelita já plantou. Atualmente, em meio ao verde que circunda a casa, é possível avistar um pé de laranja e outro de abacaxi. “Cuido das plantas como se fossem uma pessoa. O verde dá vida, animação e alegria; e ainda sinto que a casa fica mais fresquinha”, revela a dona de casa. Segundo arquitetos e urbanistas, D. Estelita tem razão. Arborizar a cidade gera conforto ambiental e melhora a qualidade de vida.

Além de gerar essa sensação agradável, as áreas verdes trazem muitos outros benefícios para os moradores. Um deles é diminuir a temperatura e a sensação térmica do local. Outra função importante é a de contribuir para a drenagem da água da chuva, ou seja, para o escoamento da água, o que pode até evitar enchente nas ruas.

Depois de um verão de muitos temporais e quase 50 graus de sensação térmica, falar em arborizar a Maré não poderia ser tema mais atual. Todos os moradores do Rio de Janeiro sofreram com o calor dos últimos meses. Portanto é compreensível que o jardineiro Sebastião Helvécio dos Santos, o Tião, de 42 anos, morador da Baixa do Sapateiro, esteja rindo à toa. Ou melhor, à toa é modo de dizer, porque, na verdade, ele tem um motivo muito forte: a chegada de mudas de ipê na Maré, que ele já está tratando de plantar pelas ruas, desde o início de março.

Tião, formado na Fundação Municipal Parques e Jardins, conta orgulhoso ter ornamentado a Vila Olímpica da Maré. Agora, como jardineiro da Redes de Desenvolvimento da Maré, ele tem aberto

“O principal é a consciência do morador. A campanha vai ajudar a mostrar que nós merecemos o bom para gente; e o bom é o ar puro”

Tião, jardineiro



O jardineiro feliz: Tião plantando ipê na Nova Holanda

Melhorias em todos os sentidos

A Maré possui poucas áreas verdes e é cercada por vias expressas (Av. Brasil e Linhas Vermelha e Amarela). Bonsucesso é a região apontada como das mais poluídas da cidade, gerando até problemas de saúde para a população local. Segundo Vera Regina Tângari, professora associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da instituição, arborizar pode melhorar a qualidade ambiental do bairro.

Qual a relação entre arborização e qualidade de vida?

Vera – Existem diversos aspectos a serem considerados, e podemos destacar a qualidade ambiental, no sentido da climatização, sombreamento, umidificação do solo e oxigenação do ar. Outros incluem o sentido perceptivo e simbólico, que considera o aspecto estético e afetivo da relação entre a arborização e a população. E ainda o sentido funcional, voltado para as questões de produção de frutos e folhas para alimentação e medicamentos. E por último, as dinâmicas ecológicas que envolvem todos os organismos vivos incluindo a população.

De que forma a arborização pode impactar a Maré?

Vera – Quando as árvores atingem sua fase adulta, as temperaturas junto às áreas verdes são menores, o solo se umidifica, ajudando as dinâmicas de manutenção dos corpos d’água, e o ar fica mais oxigenado.

E quais as consequências da falta de áreas verdes?

A falta de espaços livres de recreação e de lazer e de áreas verdes prejudica, de um lado, a qualidade ambiental e, de outro, a socialização e a saúde da população, por não oferecer alternativas de encontros, brincadeiras e prática de esportes ao ar livre.

Como é feito um projeto de urbanização?

Um projeto de urbanização é feito de forma integrada a partir de um bom diagnóstico e envolve diversas disciplinas técnicas tais como: levantamento topográfico, estrutura e circulação viária, desenho urbano, paisagismo e saneamento urbano (drenagem, abastecimento de água, esgotamento sanitário, energia elétrica, iluminação pública, telefonia e coleta de lixo). Envolve também outras atividades, não tão técnicas, mas tão importantes como as citadas acima, que podem incluir: consultas à população; processos de apresentação, discussão e desenvolvimento conjunto de propostas com a população; cadastramento de situações consideradas de risco; desenvolvimento de processos de esclarecimento e conscientização sobre o projeto e sobre as obras; formação e capacitação profissional para a manutenção das obras de urbanização implantadas.



O quintal do jardineiro Tião tem até jaboticabeira

O que você acha de arborizar a Maré?

“É bom colocar árvore, porque dá sombra, é fresco, o ar para respirar é melhor. Eu plantaria e cuidaria”

**Valda Marques de Oliveira,
28 anos, Parque União**

“Adoro planta. Na minha laje tem pé de café, urucum, aroeira... Eu apoio a ideia de mais árvore no bairro, porque fui criada na roça e sinto falta”

**Leda, 62 anos,
da Rua Nova, Ruben Vaz**

“Ficaria bem aqui com uns coqueiros, se as pessoas cuidassem, mas as pessoas não cuidam”

**Aloísio Francisco,
48 anos, trabalha no Parque União e mora na Vila da Penha**

“Com árvore o ambiente é outro, mas tem que cuidar também do esgoto”

**Pedro dos Santos,
30 anos, Parque União**

pequenos canteiros nas calçadas da Nova Holanda, onde já plantou árvores como ipê e pau-brasil.

Mudas gratuitas para moradores

Com a chegada das mudas, Tião é só sorriso. As mudas serão distribuídas gratuitamente pela Redes, para incentivar a arborização do bairro. Batizado de Maré Verde, o programa faz parte de um projeto estruturante mais amplo, que está sendo construído com o objetivo de promover o desenvolvimento local e melhorar a qualidade de vida no bairro. Na área ambiental, além da arborização, haverá projetos relativos ao tratamento e reciclagem do lixo, uso racional de energia, entre outros.

O Maré Verde já conta com o apoio de Tião. O jardineiro espera contribuir para conscientizar os moradores sobre o bem que o verde faz. “O principal é essa consciência. Eu noto que as crianças gostam e ajudam, mas muitos adultos não ligam. A campanha vai ajudar a mostrar que nós merecemos o bom para gente; e o bom é o ar puro”, explica.

Tião contesta quem pensa que as ruas da Maré não têm espaço para árvores. “O espaço é pouco, mas procurando a gente acha. Por exemplo, às vezes a gente tira uma lixeira da calçada e planta uma árvore no lugar”. E ele fala com experiência. Em frente à sua casa, na Baixa, ele circundou um valão com muitas plantas. “O local agora está limpo e cheio de árvores. Nesse calorão tinha gente aproveitando a sombra dali durante o dia”, conta. O quintal da casa dele também tem tanto verde que as pessoas chamam o lugar de floresta. Até um pé de jaboticaba tem. “Vem pássaros e o ambiente fica mais familiar”, opina.

Envolvimento dos moradores

Eliana Sousa Silva, diretora da Redes da Maré, alerta que o programa somente fará diferença no bairro se os moradores se envolverem. Por isso, o Maré Verde será desenvolvido em parceria com outras instituições, que definirão em conjunto quais as plantas mais apropriadas para o bairro e também buscarão voluntários que queiram plantar e cuidar de árvores em sua calçada ou em praças.

Os interessados devem se cadastrar para receber as mudas e orientação técnica sobre plantio e manutenção. “A ideia é sensibilizar o morador para a melhoria do ambiente em que se vive”, explica Eliana.

Seja um voluntário do programa de arborização Maré Verde

**Cadastramento na Redes de Desenvolvimento da Maré
Rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda
Mais informação: 3105-5531**



D. Estelita e a neta Ana Carla na entrada da casa cheia de vasos

Colunista

Regina Ferreira*



Direito à cidade, direito coletivo

Um dos temas atuais refere-se ao processo de criminalização dos movimentos sociais, em curso em várias cidades do Brasil. Sabemos que as famílias sem acesso à moradia digna acabam ocupando espaços ociosos e prédios abandonados nas grandes cidades. A ação da polícia tem se radicalizado contra essa população que não tem

“Os governantes planejam, inclusive, a remoção de comunidades inteiras, como a Vila Autódromo, na Barra da Tijuca, mais uma vez ameaçada.”

acesso à moradia. Exemplo disso é o que ocorre em São Paulo, onde centenas de famílias enfrentam uma série de despejos na área central e na periferia. Cada vez mais os interesses imobiliários nas cidades ampliam os conflitos urbanos, gerando mais violência. Os megaeventos, como Olimpíadas e Copa do Mundo, estimulam ainda mais esse processo. Representantes de movi-

mentos sociais que lutam pelas populações atingidas têm enfrentado processos judiciais em várias cidades do país, numa clara tentativa de reprimir a ação desses grupos.

Diante dessa realidade, torna-se ainda mais importante a realização, no Rio de Janeiro, do 5º Fórum Urbano Mundial, evento patrocinado pela Organização das Nações Unidas (ONU) que pela primeira vez ocorre na América Latina. O tema deste ano é o “O Direito à Cidade: Unindo o Urbano Dividido”, uma luta dos movimentos sociais do mundo todo e também do Brasil. O evento está marcado para os dias 22 a 26 de março, nos armazéns da zona portuária.

Entendemos o direito à cidade como um direito coletivo, e não de uma pessoa ou de um ou outro grupo de pessoas. O direito à cidade é entendido como um conjunto de direitos sociais, tais como moradia, saneamento, água, área de lazer, segurança pública, transporte de qualidade a um preço acessível, saúde, educação, lazer e participação popular.

A expectativa dos movimentos sociais é que esses direitos tornem-se pauta dos governos nacionais, que os países membros da ONU assumam, no Fórum, o compromisso de implantar um conjunto de políticas urbanas, ao invés da adoção de uma ou outra ação isoladamente.

Outra questão em discussão são os impactos que os megaeventos produzem nas cidades. Aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, já foram anunciadas diversas transformações urbanas em função da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Os governantes planejam, inclusive, a remoção de comunidades inteiras, como a Vila Autódromo, na Barra da Tijuca, mais uma vez ameaçada. Os moradores que habitam o lugar há décadas vêm sofrendo com constantes ameaças de remoção. A última foi em 2007, por ocasião dos Jogos Pan-Americanos.

Além de participarem do Fórum Urbano Mundial, os movimentos sociais do Brasil e de vários países realizarão, na mesma data, um debate aberto a todos os interessados, sem inscrição prévia, no galpão da Ação da Cidadania. O objetivo é justamente discutir a problemática urbana sob a ótica das populações atingidas pelos megaeventos e projetos e o combate ao processo de criminalização dos movimentos sociais.

* Regina Ferreira é educadora do Programa Nacional de Direito à Cidade da Fase.

Colunista

Cristiano Muller*



Direitos e garantias nos reassentamentos

Os despejos são violações graves aos direitos humanos, em especial ao direito à cidade e em particular ao direito a uma moradia adequada, de acordo com a Resolução 1993/77 e 2004/28 do Comitê dos Direitos Humanos das Nações Unidas. Todas as alternativas possíveis a um despejo devem ser estudadas e implementadas para garantir a permanência das famílias no local onde residem, onde criaram seus laços, onde conseguem condições de vida para sobreviver, onde garantem acesso à educação, saúde, lazer etc. É dever do poder público perseguir essas condições e privilegiar o direito à moradia digna das comunidades, ao invés de ter o despejo como solução natural.

Infelizmente, nos dias atuais, tornou-se de uso corrente pelas administrações públicas de diversos municípios a utilização da palavra remoção como solução para ocupação de áreas de risco e expulsão de famílias e comunidades inteiras de áreas em valorização na cidade, para garantia de mais lucro aos empreendedores e construtoras. A remoção é ainda solução para a implementação de megaeventos (Olimpíadas, Copa do Mundo) ou megaprojetos (rodovias, avenidas, hidrelétricas).

Obviamente residir em condições de moradia precária e subumana, sem banheiro, sem água, sem segurança, sem esgoto sanitário não é o ideal perseguido por ninguém. Daí a necessidade de reassentamento de famílias pelo poder público. Nunca confundir com a palavra remoção. A remoção por si só é o mesmo que despejo. Já o reassentamento prevê a necessidade de garantia de direitos fundamentais das pessoas atingidas.

O Estado brasileiro, ao longo do tempo, firmou tratados e pactos internacionais que levam em consideração diversos temas de direitos humanos. Entre eles está a prevenção de despejos e deslocamento de pessoas, sobre os quais já existe, inclusive, o comprometimento do Brasil acerca dos direitos fundamentais individuais e sociais de pessoas e de coletivos na defesa do direito à moradia e na prevenção de despejos forçados.

As famílias e comunidades pobres no Brasil têm à disposição marcos jurídicos nacional e internacional que preveem a garantia do seu direito à moradia digna e o direito à cidade. O Comentário Geral nº 7 do Comitê dos Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais (CDHESC) estabelece medidas apropriadas para garantir a proteção processual das pessoas afetadas por reassentamento, tais como o respeito ao devido processo legal, garantia de adequado reassentamento e/ou compensação, garantia de que as famílias afetadas serão ouvidas e poderão decidir sobre seu futuro, e ainda garantias de acesso às informações sobre os projetos que estão sendo realizados pelo poder público e à justiça, mediante a assistência jurídica gratuita.

Já em relação ao marco jurídico nacional, existem ainda as garantias individuais previstas na Constituição, destacando-se o direito à igualdade e o dever da propriedade atender a sua função social (artigo 5º). O artigo garante ainda que ninguém será privado de seus bens sem o devido processo legal. Não podemos esquecer ainda das regras previstas no Estatuto da Cidade e na Medida Provisória 2.220/2001.

É urgente que os poderes públicos atentem para as garantias legais e constitucionais das pessoas na hora de pensar em projetos e obras que levem à necessidade de interferir na vida das pessoas. Os reassentamentos somente se justificam quando o local em que as famílias residem não reúne condições de habitabilidade. Caso contrário, deve ser garantida a sua permanência nos locais em que residem através de processos de regularização fundiária e decreto pelo poder executivo de Zona Especial de Interesse Social (ZEIS).

* Cristiano Muller é advogado em Porto Alegre e doutor em direitos humanos, atua no Centro pelo Direito à Moradia contra Despejos (COHRE).

Estudar não tem idade

Moradores aproveitam o tempo livre para frequentar aulas de alfabetização e pré-vestibular

Texto e fotos: Rosilene Miliotti

De acordo com informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2008, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 14,2 milhões de pessoas com 15 anos ou mais não sabem ler ou escrever – ou seja, um em cada dez brasileiros adultos. O Brasil ocupa a oitava posição entre os países da América Latina com maior índice de analfabetismo.

Em várias partes da cidade do Rio de Janeiro há iniciativas que visam mudar esta realidade. Seu Francisco Paulo da Silva, de 83 anos, aproveita o tempo conquistado com a aposentadoria e comprova que estudar não tem idade. Morador da Nova Holanda, este paraibano da cidade de Bananeiras é aluno do curso de alfabetização oferecido na Maré em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Quando veio para o Rio, além de não saber ler nem escrever, ele não tinha profissão, mas aqui aprendeu o ofício de pintor, mesmo não sabendo o que era pintura, recorda-se ele. Na Paraíba, seu Francisco trabalhava puxando agave (planta de onde se extrai fibras, como o sisal).

Seu Francisco acha que não vai aprender a ler bem como os jovens, mas já conhece as letras e sente-se feliz no curso por estar entre amigos. “Isso distrai a cabeça, a gente deixa o tempo passar. Eu prefiro ficar aqui estudando a estar na praça jogando baralho e brigando com o outro”, explica.

Para a professora do curso de alfabetização Luciene Ramalho, 24 anos, o trabalho é gratificante. “A relação que se constroi vai além da sala de aula. Teve uma aluna que ficou viúva e eu fui até a casa dela dar apoio e pedir para ela não se afastar dos estudos, e ela voltou”, conta.

Aposentados aproveitam o tempo para estudar

Luciene começou a dar aula em 2007, primeiro no Piscinão de Ramos, depois na Vila do João e agora na Nova Holanda. Ela explica que o maior motivo das turmas acabarem é a evasão de alunos. “Muitos deixam de frequentar as aulas por causa do trabalho, alguns conseguem fazer um acordo com o patrão para sair mais cedo, mas nem todos conseguem. Daí o motivo de a maior parte das turmas ser formada por aposentados, pessoas que já deixaram de trabalhar. A maioria veio da região Nordeste do país e trabalhou a vida inteira”, observa.

A professora diz que a parte mais gratificante de seu trabalho é o interesse de aprender que adultos e idosos demonstram. “Apesar



Seu Francisco, 83 anos, ao lado da prof. Luciene: estudar distrai

da idade avançada de alguns, eles preferem tentar aprender algo novo a ficar em casa”, completa.

Outro exemplo vem da também moradora da Nova Holanda e conterrânea do seu Francisco, a aluna do pré-vestibular da Redes da Maré (CPV), Maria do Carmo Freitas da Silva, de 56 anos, paraibana da cidade de Remígio, que veio para o Rio de Janeiro aos 20 anos, assim que se casou. “Não deu para estudar, preferi cuidar dos filhos, de casa, da família, mas agora com os filhos criados estou me dedicando aos estudos e meus filhos e professores me incentivam”, conta dona Maria, aluna há quatro anos do CPV e que sonha em passar para universidade e cursar serviço social ou pedagogia.

O professor de biologia do CPV, Fabio Barghini, acredita que as pessoas devem sempre procurar coisas diferentes para fazer. Independentemente da idade o importante é a troca de experiências que pode haver entre elas. “Um jovem ou uma criança pode ensinar muita coisa a um adulto e vice versa. E isso faz com que a gente se sinta vivo”, avalia.

“Assim como a história da dona Maria e do senhor Francisco, tem muita gente que deixa de estudar durante 20, 30 anos e depois volta; e é uma gente que volta mais feliz, mais madura e com um objetivo mais claro”, analisa Fabio. Ele, entretanto, observa que tanto professor quanto o aluno de mais idade precisam de compreensão e paciência, pois não se aprende a ler e a escrever da noite para o dia, nem é comum passar no vestibular na primeira tentativa após muitos anos sem estudar. “Sentir dificuldade é normal, o que requer dos professores mais empenho para fazer com que esse aluno não desista”, enfatiza.



D. Maria, 56 anos, estuda para fazer faculdade

divulgação



TEATRO INFANTIL

Menino da Lua

Perfeita para levar as crianças, a peça “Fragmentos de Sonho do Menino da Lua” conta a história de Miguel Moreno, um menino que pouco sorri, mas que à noite, ao se encontrar com a lua, perde a melancolia. A peça é inspirada na obra “A ópera da lua”, do francês Jacques Prévert. Direção: Miriam Virna. Elenco: Miriam Virna, Catarina Accioly, William Ferreira e Alessandro Brandão.

Local: Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), na Rua Primeiro de Março, 66 - Centro
 Horário: Sábados e domingos, às 16h
 Preço: R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (com carteira de estudante)
 Até 25 de abril

SAÚDE

Para quem precisa emagrecer

O Instituto de Nutrição da UFRJ está oferecendo tratamento nutricional gratuito para mulheres com idade entre 30 e 45 anos que estejam acima do peso. O objetivo é o emagrecimento saudável com dieta supervisionada por nutricionistas. As voluntárias farão parte de uma pesquisa e receberão acompanhamento profissional. Só não podem participar mulheres na menopausa, diabéticas e fumantes. Informações com Wânia Monteiro e Rafaela, pelos telefones 8768-6415 ou 8373-6540.

Wax115 /Morguefile



Invictus / divulgação



Morgan Freeman (Nelson Mandela) e Matt Damon

FILME

A força de Nelson Mandela

Uma boa sugestão para quem gosta de um bom filme é “Invictus”. Invictus é uma palavra latina que significa invencível. E é isso que o filme mostra, a superação. Para o papel principal, a boa escolha de Morgan Freeman, que até parece irmão gêmeo do então presidente Nelson Mandela, traz mais veracidade ao filme. O longa conta a história de Mandela, pós-apartheid (regime de segregação/separação racial), e a dificuldade que ele passou até dentro do prédio presidencial para lidar com a

divisão entre brancos e negros. Contudo, com uma boa dose de inteligência e humildade, Mandela encontra num simples esporte do homem branco sul africano o ponto de partida para vencer o ódio e construir um único povo. Esse projeto ganha nome: “Uma equipe, um país”, e vem inspirado no poema “Invictus”, que Mandela meditou durante o período de prisão. “Não importa quão estreito o portão, como acusado de castigos o pergaminho, eu sou o mestre do meu destino: Eu sou o capitão da minha alma”. (Texto: Hélio Euclides)

FESTA

Sábado de Aleluia

Com programação para crianças, jovens e adultos, dia 3 de abril tem Tambor da Aleluia, festa de confraternização que acontece anualmente na Rua do Mercado, no centro do Rio, resgatando uma tradição maranhense. No período da quaresma os tambores param de soar em muitos lugares do Brasil e retornam no sábado de aleluia. No Maranhão este é um momento de celebrar a cultura e festejar os encontros.

No Rio, a festa foi criada há 8 anos pelo grupo As Três Marias, misturando o religioso com o profano através de ritmos e danças. Fazem parte da festa barraquinhas padronizadas para comidas típicas, bebidas e artesanatos.

Tambor da Aleluia

Local: Rua do Mercado 45 Centro
Data: 03 de abril de 2010

18h: Gincana cultural para crianças
 19h: Ladainha com caixeiros de Divino do Maranhão
 20h: Carimbó e Jongo
 21h: Boi Brilho de Lucas e convidados
 22h: Tambor de Crioula



CURSOS

Mulheres na construção

Em Abril, estará começando um Curso de Capacitação só para Mulheres na Construção Civil, oferecido pela Biblioteca Comunitária Nélida Pinõn. Intitulado “Mulheres construindo um novo Rio”, o curso terá participação de 100 mulheres a partir de 18 anos, sem limites de idade. Inteiramente gratuito, será administrado pela ONG Semear, com patrocínio da Prefeitura do Rio e do governo federal. Inscrições: Rua Dalva de Oliveira, 70, Marcílio Dias. Tel: 2584-0523.

Veja também os cursos da Ação Comunitária do Brasil:

Juventude Cidadã – Direcionado a jovens de 18 a 29 anos, com bolsa auxílio de R\$ 100 mais RioCard.

Arte e Cultura – Auxiliar de produção, cenotécnica, figurino, câmera de vídeo e DJ/MC.

Alimentação – Auxiliar de cozinha, chapista, repositor e vendedor ambulante.

Próximo Passo, Aprenda uma Profissão – A partir de 18 anos, sem limite de idade. Curso de pintor, azulejista amador e carpinteiro, encanador e eletricitista, almoxarifado e auxiliar de escritório.

Informações: Rua 11, 243 Vila do João – tel.: 2260-3197.

Uma nova Lona Cultural da Maré

Após obras de reestruturação, a Lona Cultural Herbert Vianna reabrirá suas portas em maio

Elisângela Leite



O estado atual da lona, toda furada

Francisco Valdean

Texto: Vítor de Castro

Criada em 2005 no conjunto de favelas da Maré, a Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, a Lona Cultural da Maré, está desativada há pelo menos um ano, por conta da deterioração do espaço. Em janeiro de 2010, a Redes de Desenvolvimento da Maré ganhou a licitação para cogestão da Lona com a Prefeitura do Rio, e será, durante os próximos dois anos, a instituição que vai gerir as atividades do local.

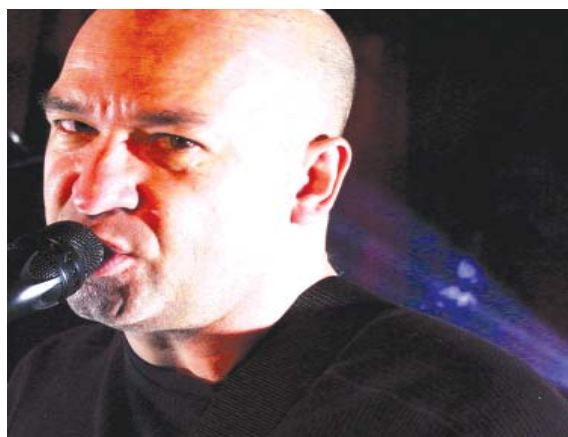
As obras de reestruturação foram iniciadas em janeiro, com duração prevista de 90 dias. As obras vão desde a pintura externa e interna do espaço até a instalação de rede elétrica e hidráulica, passando pela troca da Lona, que já estava rasgada. “Com as obras, a Lona será entregue à comunidade totalmente nova, da mesma forma que foi entregue no período da sua implantação, em 2005”, conta o coordenador geral da Lona, Alberto Aleixo.

Com capacidade para 400 pessoas, o equipamento oferecerá espetáculos de música, teatro e dança, além de cursos, oficinas e palestras. No local também funciona a Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado, com acesso gratuito à internet, mostras educativas e contação de histórias. “Embora o espaço esteja em obra, não estamos parados com as atividades. Já foi realizada este ano uma oficina de vídeo com celular, por exemplo, e estabelecemos parcerias com a Lia Rodrigues Companhia de Danças, com o Cia Marginal e ainda vamos realizar oficinas de construção de instrumentos musicais a partir de material reciclado, curso de contação de histórias e shows musicais”, explica Alberto.

Mobilização das instituições locais

A grande maioria das atividades é gratuita para o público. No caso de shows, são cobrados preços populares, mas há uma política de gratuidade. Segundo Alberto, não há número definido de ingressos gratuitos, mas existe o compromisso de abrir espaço para todos, pois a Lona não pode ser um local excludente.

No dia 26 de fevereiro passado, a Redes da Maré se reuniu com as associações de moradores e instituições que atuam no bairro para debater o uso do espaço. “A Lona é um equipamento público,



Herbert Vianna na inauguração em 2005

“Mais importante que o espaço da Lona é superar as fronteiras da Maré, fazer com que as pessoas circulem”
Alberto Aleixo

por isso chamamos todos para discutir esse processo de intervenção. Mais importante que o espaço da Lona é superar as fronteiras da Maré, fazer com que as pessoas circulem. Queremos desenvolver e revitalizar a vizinhança da Lona. Ao redor temos dois Cieps, a Vila Olímpica, o Centro Comunitário de Defesa da Cidadania, a 30ª Região Administrativa, creche comunitária, instituições, organizações não-governamentais (ONGs) etc. O que queremos é gerar uma mobilização com vistas ao desenvolvimento local, que tenha a cultura como eixo norteador”, esclarece Alberto.

Reuniões periódicas passarão a acontecer após o término das obras para discutir os rumos da Lona. “Esses encontros são estratégicos para a realização de atividades de artes e cultura na Lona”, frisa a integrante da Ação Comunitária do Brasil, Beatriz Arosa, que esteve na primeira reunião.

A data de reinauguração ainda não está definida, mas Alberto adianta que Herbert Vianna, artista que empresta seu nome à Lona e esteve na inauguração em 2005, será convidado novamente. “A gente espera contar com a presença dele nesse processo, ele seria nosso convidado de honra”, afirma.

Lona Cultural Municipal Herbert Vianna

Rua Ivanildo Alves s/n – Nova Maré /

Tel.: (21) 3104 3276 Alberto ou Layz

E-mail: lonadamare@gmail.com e alberto@redesdamare.org.br

Arte e amizade em família

Seu Justino é o artista das palavras
e Manoel, o artista do pincel

Fotos: Elisângela Leite

José Justino Filho, de 89 anos, e Manoel Correia do Nascimento, de 69 anos, são irmãos, não de sangue, mas por afinidade. Os dois vieram da Paraíba – Seu Justino é de Guarabira, e Manoel, de Campina Grande –, e se conheceram na Maré no início dos anos 70, quando se tornaram vizinhos. Na Nova Holanda, os dois viraram amigos de fé e irmãos camaradas, e suas famílias se tratam como se fossem de fato parentes de sangue.

Na terceira idade, coincidentemente, os irmãos descobriram a arte. Seu Justino, ex-vigia noturno, agora é poeta! “Escrevo a poesia que Deus dá. Ele manda o pensamento, as palavras vão se juntando até formar o verso certinho”, conta Seu Justino, o poeta das palavras, que ficou em terceiro lugar no Concurso de Poesia da Terceira Idade, do Banco Real, em 2001.

E Manoel, ex-jardineiro, é artista naïf. Arte naïf significa arte ingênua ou primitiva, feita por autodidatas. Há quem defina como “poetas do pincel”. “Eu crio o que vejo. É um passatempo; minha casa é uma exposição permanente”, revela ele, que também tem um quadro exposto no Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil, no Cosme Velho, zona sul do Rio. “Meus quadros têm sempre pontinhos porque acho mais bonito”, explica Manoel.

A Maré

Autoria: José Justino Filho

Estou pedindo inspiração
a Jesus de Nazaré
Para escrever e versar
um trecho aqui da vida,
Assim como ela é, e conta com a beleza
Que tem aqui na Maré.

Na Maré tem muita coisa
que se diz maravilhosa,
Tem muita moça bonita,
meiga, linda e carinhosa.
Tem muita gente decente,
muita mulher contente e
muita pretinha dengosa.

Veja o que estou falando,
só quero lhe convidar,
Para você ver o comércio da Teixeira,
tem tudo que procurar,
tem uma excelente feira que
você vai invejar.

Tem o morro do Timbau,
a Baixa do Sapateiro,
Onde mora boa gente,
povo alegre e prazenteiro.
As mulheres da Maré,
Vila do João e Pinheiro Rubens,
Na Nova Holanda,
rola cerveja e dinheiro.



Seu Manoel (à esqu.) e Seu Justino

O beija-flor

Autoria: José Justino Filho

Ó beija-flor da colina! Olhas bem a direção,
Levas no bico as saudades nas asas amor e paixão,
Em teus pés carinho e beijos nas penas lindas a beleza
E entrega tudo a ela que merece esta surpresa.



Contato:
Seu Justino – azevedo1944@hotmail.com
Seu Manoel – 21 2290-4283 / 9883-0228

Participe desta página! Envie suas fotos, desenhos, grafite, poesia, crônica...

A seção ESPAÇO ABERTO foi criada para que você, leitor do novo jornal da Maré, possa mostrar a todos a sua arte: uma fotografia, uma ilustração, uma poesia, uma crônica! O importante é participar! Envie a sua arte para a Redação do Jornal, na Redes da Maré - rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda; ou pelo e-mail: comunicacao@redesdamare.org.br